

O PRINCIPE LEOPARDO



LIVRO

DOIS



ELIZABETH HOYT

ELIZABETH HOYT

O PRÍNCIPE
LEOPARDO

Tradução de
Ana Resende

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2017

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H849p

Hoyt, Elizabeth, 1970-
O príncipe leopardo [recurso eletrônico] / Elizabeth Hoyt ; tradução
Ana Resende. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2017.
recurso digital

Tradução de: The leopard prince
Sequência de: O príncipe corvo
Continua com: O príncipe serpente
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-85-01-11198-2 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Resende, Ana. II.
Título.

17-43663

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título em inglês:
THE LEOPARD PRINCE

Copyright © 2007 by Nancy M. Finney

Trecho de *O Príncipe Serpente* copyright 2007 by Nancy M. Finney

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos
pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000, que se
reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-11198-2



EDITORA AFILIADA

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se em www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-3940.

*Para minha irmã, SUSAN.
Nenhum personagem imaginário foi ferido enquanto
este livro era escrito.*

Sumário

[Capítulo Um](#)
[Capítulo Dois](#)
[Capítulo Três](#)
[Capítulo Quatro](#)
[Capítulo Cinco](#)
[Capítulo Seis](#)
[Capítulo Sete](#)
[Capítulo Oito](#)
[Capítulo Nove](#)
[Capítulo Dez](#)
[Capítulo Onze](#)
[Capítulo Doze](#)
[Capítulo Treze](#)
[Capítulo Catorze](#)
[Capítulo Quinze](#)
[Capítulo Dezesseis](#)
[Capítulo Dezessete](#)
[Capítulo Dezoito](#)
[Capítulo Dezenove](#)
[Capítulo Vinte](#)
[Capítulo Vinte e Um](#)

Capítulo Um

YORKSHIRE, INGLATERRA
SETEMBRO DE 1760

Depois de a carruagem ser destruída e um pouco antes de os cavalos fugirem, Lady Georgina Maitland percebeu que o administrador de suas terras era um homem. Ora, é claro que ela sabia que Harry Pye era um homem. Não tinha o delírio de que ele fosse um leão, um elefante ou uma baleia, nem, de fato, qualquer outro mamífero — se é que era possível dizer que uma baleia era um mamífero, e não simplesmente um peixe muito grande. O que ela queria dizer era que sua *masculinidade* de repente se tornara muito evidente.

Georgina, de pé na desolada estrada que conduzia a East Riding, em Yorkshire, franziu as sobrancelhas. Ao redor deles, as montanhas cobertas de tojo se estendiam no horizonte cinzento. A escuridão não tardava a cair; a chuva a trouxera precocemente. Os dois pareciam estar no meio do nada.

— O senhor considera a baleia um mamífero ou um peixe muito grande, Sr. Pye? — gritou ela para o vento.

Os ombros de Harry Pye se retesaram. Estavam cobertos apenas por uma camisa molhada que grudou nele de modo esteticamente agradável. Ele havia tirado o casaco e o colete para ajudar John Cocheiro a desenganchar os cavalos da carruagem que capotara.

— Um mamífero, milady. — A voz do Sr. Pye, como sempre, era invariável e grave, com um tom meio rouco no final.

Georgina nunca o ouvira elevar a voz nem demonstrar emoção de alguma forma. Nem quando ela havia insistido em acompanhá-lo até a propriedade de Yorkshire; nem quando a chuva começou, fazendo com que viajassem a passos de tartaruga; nem quando a carruagem capotou, vinte minutos atrás.

Que coisa irritante!

— O senhor acha que vai conseguir consertar a carruagem? — Ela puxou a capa encharcada por cima do queixo enquanto contemplava os restos do veículo. A porta estava presa por uma dobradiça, batendo ao vento, duas rodas haviam sido amassadas, e o eixo na parte de trás se encontrava num ângulo esquisito. Aquela pergunta foi totalmente estúpida.

O Sr. Pye não indicava por nenhum gesto ou palavra estar consciente da tolice de sua indagação.

— Não, milady.

Georgina suspirou.

Na verdade, era praticamente um milagre que eles e o cocheiro não tivessem se ferido ou morrido. A chuva havia deixado as estradas escorregadias e enlameadas, e, na última curva, a carruagem começara a deslizar. Em seu interior, ela e o Sr. Pye ouviram o cocheiro gritar enquanto tentava estabilizar o veículo. Harry Pye havia pulado de seu assento para o de Georgina, como um grande gato. Ele a envolvera antes que ela pudesse sequer proferir qualquer palavra. Seu calor a envolvera, e o nariz dela, enterrado intimamente na camisa dele, havia inalado o odor de linho recém-lavado e de pele máscula. Nesse momento, a carruagem se inclinara, e ficara óbvio que eles cairiam na vala.

Lenta e terrivelmente, o veículo havia tombado com uma pancada e o barulho de algo sendo esmagado. Os cavalos relincharam lá na frente, e a carruagem gemeu, como se protestasse contra seu destino. Georgina havia agarrado o casaco do Sr. Pye enquanto seu mundo se revirava, e ele resmungara de dor. Então tudo parou novamente. O veículo estava caído de lado, e o Sr. Pye cobria Georgina como um grande e quente cobertor. Mas Harry Pye era bem mais firme do que qualquer cobertor que ela já tocara antes.

O administrador havia pedido desculpas, muito corretamente desvencilhando-se dela e subindo no banco para forçar a abertura da porta acima dos dois. Ele se esgueirara pela saída e então puxara Georgina para fora. Ela esfregou o pulso que o Sr. Pye segurara. O homem era desconcertantemente forte — ninguém nunca teria imaginado isso ao olhar para ele. Em certo momento,

quase todo o seu peso era sustentado pelo braço dele, e ela não era uma mulher pequena.

O cocheiro deu um grito, que foi levado pelo vento, mas foi o suficiente para trazê-la de volta ao presente. A égua que ele havia soltado estava livre.

— Vá com a égua até a próxima cidade, Sr. John Cocheiro, se puder — orientou Harry Pye. — Veja se consegue outra carruagem para vir nos buscar. Ficarei aqui com milady.

O cocheiro montou na égua e acenou antes de desaparecer no aguaceiro.

— Qual é a distância até a próxima cidade? — perguntou Georgina.

— Vinte ou vinte e cinco quilômetros. — Ele soltou uma das correias dos cavalos.

Ela o estudou enquanto ele trabalhava. Apesar de estar molhado, Harry Pye não parecia nem um pouco diferente de quando o grupo havia partido de uma estalagem em Lincoln, pela manhã. Ainda era um homem de altura mediana. Um tanto magro. O cabelo era castanho — nem escuro nem avermelhado —, apenas marrom. Ele o amarrara num rabicho simples, sem se importar em usar pomadas ou pó. E estava de marrom: calça, colete e casaco, como se fosse uma camuflagem. Somente seus olhos, de um verde-esmeralda escuro, que às vezes tremeluziam com o que poderia ser emoção, lhe davam um pouco de cor.

— Só estou com muito frio — resmungou Georgina.

O Sr. Pye ergueu o olhar rapidamente. Seus olhos se direcionaram para as mãos dela, tremendo em seu pescoço, e então se focaram nas montanhas ao fundo.

— Sinto muito, milady. Eu deveria ter percebido o seu desconforto antes. — Ele deu as costas para o cavalo assustado que tentava soltar. Suas mãos deviam estar tão dormentes quanto as dela, mas continuavam se movendo. — Tem um chalé não muito longe daqui. Nós podemos ir neste cavalo e naquele outro. — Ele apontou para um dos animais. — A égua está manca.

— É mesmo? Como o senhor sabe? — Ela não havia notado que o animal estava ferido. Os três cavalos estremeceram e relincharam

com o assobio do vento. A égua que ele havia indicado não parecia em pior estado que os outros animais.

— Ela está favorecendo a pata dianteira direita — resmungou o Sr. Pye e, no mesmo instante, os três cavalos se viram livres da carruagem, embora continuassem amarrados uns aos outros. — Ôa, docinho. — Ele segurou o cavalo da frente e o afagou, e sua mão direita morena se moveu delicadamente sobre o pescoço do animal. Faltavam duas juntas no dedo anelar.

Georgina virou a cabeça na direção das montanhas. Os criados — e, na verdade, um administrador de terras era simplesmente um tipo superior de criado — não deveriam ter gênero. Claro, sabia-se que eram pessoas com vida própria e tudo o mais, mas facilitaria muito se eles fossem considerados assexuados. Como uma cadeira. Uma cadeira servia para se sentar quando se estava cansado. Por outro lado, ninguém nunca pensava muito nelas, e era assim que deveria ser. Como era incômodo se perguntar se a cadeira tinha percebido que seu nariz estava escorrendo, ficar curiosa para saber o que ela estava pensando ou notar que os olhos dela eram muito bonitos. Não que cadeiras tivessem olhos, bonitos ou não, mas homens tinham.

E Harry Pye tinha.

Georgina voltou a encará-lo.

— O que vamos fazer com a égua?

— Vamos ter que deixá-la aqui.

— Na chuva?

— Sim.

— Isso não será bom para ela.

— Não, milady. — Os ombros de Harry Pye se retesaram mais uma vez, uma reação que Georgina considerou curiosamente fascinante. Ela queria que ele fizesse esse movimento com mais frequência.

— Talvez devêssemos levá-la conosco, não?

— Impossível, milady.

— O senhor tem certeza?

Os ombros de Harry Pye se tensionaram, e ele lentamente virou a cabeça. No clarão de luz que iluminou a estrada naquele instante, ela viu aqueles olhos verdes brilharem, e um arrepio percorreu sua

espinha. Então, o trovão seguinte caiu como o prenúncio do apocalipse.

Georgina se encolheu.

Harry Pye se empertigou.

E os cavalos saíram em disparada.

— OH, CÉUS! — exclamou Lady Georgina, com a chuva pingando do nariz fino. — Parece que estamos encrencados.

Encrencados, realmente. Aquilo estava mais para uma merda fenomenal. Harry estreitou os olhos para observar a estrada onde os cavalos desapareceram, correndo como se o próprio diabo os estivesse perseguindo. Não havia sinal dos tolos animais. E, pela velocidade com que galopavam, não iriam parar antes de estarem a um quilômetro ou mais de distância deles. Não adiantava ir atrás deles naquele aguaceiro. Harry voltou a olhar para a mulher que era sua patroa há menos de seis meses. Os lábios aristocráticos de Lady Georgina estavam azuis, e a pele na borda de seu capuz estava em desalinho e encharcada. Ela mais parecia uma criança de rua em trapos de roupas sofisticadas do que a filha de um conde.

O que ela estava fazendo ali?

Se não fosse por Lady Georgina, ele teria ido a cavalo de Londres até a propriedade em Yorkshire. Teria chegado à Mansão Woldsly no dia anterior. Neste momento, estaria desfrutando de uma refeição quente na frente da lareira no próprio chalé, e não congelando o esqueleto, parado no meio da estrada, debaixo de chuva, sendo rapidamente cercado pela escuridão. Mas, na última viagem de Harry a Londres para entregar a Lady Georgina um relatório sobre suas posses, ela decidira acompanhá-lo até a Mansão Woldsly. O que significara viajar na carruagem que agora jazia num monte de madeira quebrada na vala.

Harry conteve um suspiro.

— A senhora consegue andar, milady?

Lady Georgina arregalou os olhos, azuis como um ovo de sabiá.

— Ah, sim. Faço isso desde que eu tinha 11 meses de idade.

— Ótimo.

Harry vestiu o colete e o casaco com um movimento dos ombros, sem se dar ao trabalho de abotoá-los. Suas roupas estavam

completamente encharcadas, assim como todo o restante dele. Ele desceu de maneira desajeitada pelo barranco para recuperar as cobertas que estavam dentro da carruagem. Por sorte, ainda estavam secas. Ele as enrolou e pegou o lampião, que permanecia aceso; então segurou o cotovelo de Lady Georgina, para o caso de ela escorregar e cair sentada sobre a pequena bunda aristocrática, e começou a subir o morro coberto de tojo.

De início, Harry pensara que o desejo da patroa de ir até Yorkshire fosse apenas um capricho infantil. Um passatempo para uma mulher que nunca precisou se preocupar com a origem da carne em sua mesa ou das joias em seu pescoço. Para ele, aqueles que não trabalhavam para garantir sua sobrevivência frequentemente tinham ideias frívolas. Porém, quanto mais tempo passava na companhia dela, mais começava a duvidar de que Lady Georgina fosse aquele tipo de mulher. Ela dizia bobagens, era verdade, mas Harry percebera de imediato que fazia isso apenas para se divertir. Ela era mais inteligente do que a maioria das damas da sociedade. Ele tinha a sensação de que havia um bom motivo para a viagem de Lady Georgina a Yorkshire.

— Fica muito longe? — A dama ofegava, e suas bochechas, normalmente pálidas, tinham duas manchas vermelhas.

Harry examinou as montanhas, à procura de um ponto de referência na escuridão. Será que aquele carvalho retorcido que crescia contra uma rocha lhe era familiar?

— Não muito.

Pelo menos, ele esperava que não. Fazia anos que não andava por aquelas colinas, e talvez estivesse enganado sobre a localização do chalé. Ou talvez o chalé tivesse desmoronado desde a última vez que ele o vira.

— Espero que o senhor saiba acender uma fogueira, Sr. Pye. — Seu nome vibrou nos lábios dela.

Lady Georgina precisava se aquecer. Se não encontrassem o chalé logo, ele teria de fazer um abrigo com as cobertas da carruagem.

— Ah, sim. Faço isso desde que tinha 4 anos, milady.

Isso lhe rendeu um sorriso atrevido. Os olhos de ambos se encontraram, e Harry desejou... Um relâmpago repentino

interrompeu seu pensamento, e ele viu uma parede de pedra iluminada pelo clarão.

— Ali está. — *Graças a Deus!*

Pelo menos o minúsculo chalé continuava de pé. Quatro paredes de pedra com um telhado de palha escurecido por causa do tempo e da chuva. Ele forçou a porta lisa com um ombro, e, após um ou dois empurrões, ela cedeu. Harry entrou cambaleando e levantou o lampião bem alto para iluminar o interior do chalé. Pequenos vultos correram para as sombras. Ele tentou não estremecer.

— Eca! Está fedendo aqui. — Lady Georgina entrou, abanando a mão diante do nariz rosado, como se pudesse espantar o fedor de mofo.

Harry bateu a porta atrás dela.

— Sinto muito, milady.

— Por que o senhor simplesmente não me diz para calar a boca e ficar feliz por não estar mais na chuva? — Ela sorriu e tirou o capuz.

— Eu não faria isso. — Harry foi até a lareira e encontrou alguns tocos de lenha queimada pela metade. Estava tudo coberto com teias de aranha.

— Ora, Sr. Pye. O senhor sabe que quer fazer i-is-isso. — Os dentes dela ainda batiam.

Havia quatro frágeis cadeiras de madeira ao redor de uma mesa torta. Harry pousou o lampião sobre a mesa e pegou uma das cadeiras. Ele a bateu com força na lareira de pedra, e ela se partiu; o encosto saiu e o assento se quebrou.

Atrás dele, Lady Georgina deu um gritinho.

— Não, não quero, milady — disse ele.

— Verdade?

— Sim. — Ele se ajoelhou e começou a colocar as pequenas lascas da cadeira junto com a lenha queimada.

— Muito bem. Suponho que tenho que ser boazinha, então. — Harry ouviu quando ela começou a arrastar uma das cadeiras. — O que o senhor está fazendo aí parece muito eficiente.

Ele encostou a chama do lampião nas lascas de madeira. O fogo pegou, então ele acrescentou pedaços maiores de madeira, tomando o cuidado de não abafar a chama.

— Humm. Isso é bom. — A voz dela soava rouca às suas costas.

Por um momento, Harry ficou paralisado, pensando no que as palavras e a entonação dela poderiam sugerir em outro contexto. Então ele afastou os pensamentos e se virou.

Lady Georgina esticou as mãos para as chamas. O cabelo ruivo estava secando em cachos finos sobre a testa, e sua pele branca reluzia à luz da lareira. Ela ainda tremia.

Harry pigarreou.

— Creio que a senhora deveria tirar o vestido molhado e se enrolar nas cobertas. — Ele foi até a porta, onde deixara o que havia resgatado da carruagem.

Atrás de si, Harry ouviu uma risada baixinha.

— Creio que nunca tenha ouvido uma sugestão tão imprópria feita de modo tão apropriado.

— Minha intenção não foi parecer impróprio, milady. — Ele lhe entregou as cobertas. — Me desculpe se eu a ofendi. — Por um instante, seus olhos encontraram os dela, tão azuis e risonhos; depois, ele virou as costas para ela.

Atrás dele, ouviu-se um farfalhar. Harry tentou controlar seus pensamentos. Não imaginaria aqueles ombros pálidos e nus dela em cima dele...

— O senhor não foi impróprio, como bem sabe, Sr. Pye. Na verdade, estou começando a achar que seria impossível que agisse dessa forma.

Se ela soubesse... Harry pigarreou, mas não fez qualquer comentário. Ele se obrigou a olhar em torno do pequeno chalé. Não havia armário na cozinha, apenas mesa e cadeiras. Uma pena, pois seu estômago estava vazio.

O farfalhar perto do fogo cessou.

— Pode se virar agora.

Ele se preparou mentalmente antes de se virar, mas Lady Georgina estava protegida pela cobertura de pele. Harry ficou contente por ver os lábios dela mais rosados.

Ela liberou um braço nu e apontou para o outro lado da lareira.

— Deixei um para o senhor. Estou confortável demais para me mover, mas posso fechar os olhos e prometo não espiar se o senhor quiser tirar a roupa também.

Harry desviou o olhar do braço dela e encontrou aqueles olhos azuis e inteligentes.

— Obrigado.

O braço desapareceu. Lady Georgina sorriu, e suas pálpebras baixaram.

Por um momento, Harry simplesmente a observou. Os arcos avermelhados de seus cílios se agitavam contra a pele pálida, e um sorriso pairava na boca curvada. O nariz era fino e muito comprido, os ângulos do rosto, um tanto pronunciados. Quando ela ficava de pé, era quase da altura dele. Não era uma mulher bela, mas Harry percebeu que tinha de controlar o olhar quando ela estava por perto. Havia alguma coisa no movimento dos lábios dela quando estava prestes a zombar dele. Ou no modo como suas sobrancelhas se erguiam na testa quando ela sorria. Os olhos dele eram atraídos para o rosto de Lady Georgina como uma lixa de ferro perto de um ímã.

Harry tirou tudo menos as roupas de baixo e puxou a última coberta em torno dele.

— Pode abrir os olhos agora, milady.

Os olhos dela se abriram.

— Ótimo. Agora nós dois parecemos dois russos prontos para o inverno da Sibéria. Que pena que não temos um trenó com sinos também! — Ela alisou a coberta em seu colo.

Ele assentiu com a cabeça. O fogo estalava no silêncio do interior do chalé enquanto Harry tentava pensar no que mais poderia oferecer a ela. Não havia comida ali; nada a fazer além de esperar o dia amanhecer. Como a classe abastada se comportava quando se via completamente sozinha em sua sala de estar palaciana?

Lady Georgina estava puxando os pelos de sua coberta, mas subitamente juntou as mãos, como se quisesse controlar o impulso.

— Conhece alguma história, Sr. Pye?

— História, milady?

— Sim. História. Contos de fadas, na verdade. Eu os coleciono.

— Mesmo? — Harry estava confuso. O modo de pensar da aristocracia às vezes era impressionante. — E como a senhora os coleciona, se não se importa de me contar?

— Perguntando. — Será que ela estava zombando dele? — O senhor ficaria impressionado com as histórias que as pessoas se recordam de sua juventude. Claro, babás mais velhas e pessoas de mais idade são as melhores fontes. Creio que já pedi a cada um dos meus conhecidos que me apresentasse sua antiga babá. A sua ainda está viva?

— Eu não tive babá, milady.

— Ah. — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Mas alguém... sua mãe? Ela deve ter lhe contado histórias quando você era pequeno, não?

Ele se mexeu para jogar outro pedaço da cadeira quebrada no fogo.

— O único conto de fadas do qual me lembro é *João e o pé de feijão*.

Lady Georgina lançou-lhe um olhar de dó.

— O senhor não tem nada melhor do que isso?

— Infelizmente, não. — As outras histórias que ele conhecia não eram exatamente apropriadas para os ouvidos de uma dama.

— Bem, eu ouvi uma muito interessante recentemente. Da tia da minha cozinheira, quando ela veio a Londres. O senhor gostaria que eu lhe contasse?

Não. A última coisa de que Harry precisava era ficar mais íntimo de sua patroa do que a situação já o obrigava a ser.

— Sim, milady.

— Era uma vez um grande rei, e ele tinha um leopardo encantado a seu serviço. — Ela remexeu o quadril na cadeira. — Eu sei o que o senhor está pensando, mas a história não continua assim.

Harry piscou.

— Milady?

— Não. O rei morre logo no início, então ele não é o herói. — Ela o encarou em expectativa.

— Ah. — Ele não conseguia pensar em outra coisa para dizer.

Isso pareceu funcionar.

Lady Georgina acenou com a cabeça.

— O leopardo usava uma espécie de corrente de ouro em volta do pescoço. Ele fora escravizado, entende? Mas eu não sei como isso aconteceu. A tia da cozinheira não me contou. De qualquer

forma, quando o rei estava no leito de morte, fez o leopardo prometer que iria servir ao *próximo* rei, que era seu filho. — Ela franziu a testa. — O que não parece muito justo, não é? Quero dizer, normalmente eles libertam o criado fiel a essa altura. — Ela se remexeu na cadeira de madeira novamente.

Harry pigarreou.

— Talvez a senhora ficasse mais confortável no chão. Sua capa está mais seca. Eu poderia fazer um catre.

Lady Georgina lançou-lhe um sorriso radiante.

— Que ótima ideia!

Ele estendeu a capa e enrolou as próprias roupas até formarem um travesseiro.

Lady Georgina se moveu com a coberta e se estatelou na cama rústica.

— Melhor assim. O senhor também poderia se deitar; provavelmente, ficaremos aqui até o amanhecer.

Jesus.

— Não creio que isso seja aconselhável.

Ela o encarou.

— Sr. Pye, essas cadeiras são duras. Por favor, venha se deitar na coberta, pelo menos. Prometo não morder.

Seu queixo trincou, mas ele realmente não tinha opção. Era uma ordem velada.

— Obrigado, milady.

Cautelosamente, Harry se sentou ao lado dela — ele estaria condenado caso se deitasse ao lado daquela mulher, com ou sem ordem — e deixou um espaço entre seus corpos. Ele passou os braços ao redor dos joelhos dobrados e tentou ignorar o perfume dela.

— O senhor é teimoso, não? — resmungou Lady Georgina.

Ele a encarou.

Ela bocejou.

— Onde eu estava mesmo? Ah, sim. Então a primeira coisa que o jovem rei fez foi ver a pintura de uma linda princesa e se apaixonar por ela. Um cortesão, mensageiro ou seja lá quem havia lhe mostrado o quadro, mas isso não importa.

Lady Georgina bocejou novamente, emitindo som dessa vez, e, por alguma razão, o pênis de Harry reagiu. Ou talvez fosse o perfume dela, que alcançava seu nariz, quisesse ele ou não. O aroma o fazia lembrar-se de especiarias e flores exóticas.

— A princesa tinha a pele branca como a neve, lábios vermelhos como rubis, cabelo preto como, ah, piche ou algo assim etc., etc. — Lady Georgina fez uma pausa e fitou o fogo.

Harry se perguntou se ela já havia acabado e se aquele tormento terminara.

Então ela suspirou.

— O senhor já percebeu que os príncipes dos contos de fadas se apaixonam por lindas princesas sem saber coisa alguma sobre elas? Lábios de rubi são muito bonitos, mas, e se ela sorrisse de um jeito estranho ou batesse os dentes enquanto comesse? — Lady Georgina deu de ombros. — É claro que os homens da nossa época também se deixam apaixonar por cachos escuros reluzentes, então eu suponho que não deveria me preocupar com isso. — Os olhos dele se arregalaram no mesmo instante, e ela virou a cabeça para fitá-lo. — Não quis ofender.

— Sem problemas — respondeu Harry, sério.

— Humm. — Ela pareceu em dúvida. — De qualquer forma, ele se apaixona por esse quadro, e alguém lhe diz que o pai da princesa vai dar a mão da filha em casamento ao homem que lhe trouxe o Cavalo Dourado, que está em posse de um ogro terrível. Então — Lady Georgina virou o rosto para o fogo e apoiou a bochecha na mão —, ele manda chamar o Príncipe Leopardo e ordena que ele capture o Cavalo Dourado. E o que o senhor acha que aconteceu?

— Não sei, milady.

— O leopardo se transforma num homem. — Ela fechou os olhos e murmurou: — Imagine isso. Todo o tempo, ele era um homem...

Harry esperou, mas, dessa vez, não houve mais história. Depois de um tempo, ele ouviu um ronco baixinho.

Ele puxou a cobertura até o pescoço de Lady Georgina e a ajeitou ao redor do rosto dela. Seus dedos roçaram a bochecha dela, e Harry fez uma pausa, estudando o contraste de seus tons de pele. Sua mão era escura sobre a pele dela, seus dedos, grosseiros,

enquanto ela era macia e delicada. Lentamente, ele passou o polegar pelo canto da boca de Lady Georgina. Tão quente. Ele quase reconhecia aquele perfume, como se o tivesse inalado em outra vida ou há muito tempo. O aroma o fazia ansiar por algo.

Se ela fosse uma mulher diferente, se aquele fosse um lugar diferente, se ele fosse um homem diferente... Harry cortou o sussurro em sua mente e puxou a mão. Ele se esticou ao lado de Lady Georgina, tomando cuidado para não encostar nela. E fitou o teto, expulsando todos os pensamentos, todos os sentimentos. Então, fechou os olhos, embora soubesse que levaria um tempo até pegar no sono.

O NARIZ DELA estava coçando. Georgina passou a mão nele e sentiu os pelos da coberta. Ao seu lado, alguma coisa farfalhou e então parou. Ela virou a cabeça. Olhos verdes encontraram os seus, irritantemente atentos tão cedo pela manhã.

— Bom dia. — Suas palavras saíram como o coaxar de um sapo. Ela pigarreou.

— Bom dia, milady. — A voz do Sr. Pye era fluida e cálida, como chocolate quente. — Se a senhora me der licença.

O administrador se levantou. A coberta que o protegia deslizou pelo ombro, revelando a pele morena antes de ele se ajeitar. Caminhando em silêncio, o Sr. Pye saiu pela porta.

Georgina franziu o nariz. Será que nada perturbava aquele homem?

Subitamente lhe ocorreu o que ele deveria estar fazendo do lado de fora. Sua bexiga soou o alarme. Rapidamente, ela se levantou cambaleante e colocou o vestido ainda úmido e amassado, fechando o máximo de colchetes possível. Ela não conseguia alcançar todos os ganchos, e o vestido devia estar aberto na cintura, mas pelo menos a roupa não iria cair. Georgina vestiu a capa para cobrir as costas e então seguiu o Sr. Pye até lá fora. Nuvens negras pairavam no céu e ameaçavam chuva. Não havia sinal do administrador de terras em parte alguma. Olhando ao redor, ela escolheu um celeiro em ruínas para servir de banheiro e deu uma volta para encontrar o melhor lugar.

Quando ela voltou do celeiro, o Sr. Pye estava parado diante do chalé e abotoava seu casaco. Ele havia refeito o rabicho, mas as roupas estavam amassadas, e seu cabelo não estava tão arrumado quanto o habitual. Pensando em sua própria aparência, Georgina sentiu que abria um sorriso maldoso e divertido ao mesmo tempo. Nem mesmo Harry Pye conseguia passar a noite no chão de uma cabana e não demonstrar os efeitos disso na manhã seguinte.

— Quando a senhora estiver pronta, milady — disse ele —, sugiro que voltemos à estrada. O cocheiro pode estar nos esperando lá.

— Ah, espero que sim.

Os dois refizeram o caminho da noite anterior. Durante o dia, seguindo morro abaixo, Georgina ficou surpresa ao perceber que não era uma grande distância. Logo eles ultrapassaram o último morro e se depararam com a estrada, que estava vazia, exceto pelos destroços da carruagem, ainda mais deploráveis sob a luz do dia.

Ela soltou um suspiro.

— Bem, acho que temos que ir andando, Sr. Pye.

— Sim, milady.

Os dois seguiram em silêncio pela estrada. Uma névoa úmida e terrível pairava acima do solo, com um leve odor de podre. Ela penetrava por seu vestido e subia por suas pernas. Georgina estremeceu. Queria muito uma xícara de chá quente e, talvez, um bolinho coberto com mel e manteiga. Georgina quase gemeu ao pensar nisso e então notou um estrondo aumentando atrás deles.

O Sr. Pye ergueu o braço e parou a carroça de um fazendeiro, que fazia a curva.

— Olá! Pare! Você aí, precisamos de uma carona.

O fazendeiro fez o cavalo parar. Ele afastou a aba do chapéu e ficou olhando.

— Sr. Harry Pye, não é?

Harry Pye se retesou.

— Sim, isso mesmo. Da propriedade Woldsly.

O fazendeiro cuspiu no chão e, por pouco, não acertou as botas do Sr. Pye.

— Lady Georgina Maitland precisa de uma carona até Woldsly. — O rosto do administrador de terras estava impassível, mas sua voz

ficara fria como a morte. — Foi a carruagem dela que você viu no caminho.

O fazendeiro virou-se para Georgina, como se só agora tivesse notado sua presença.

— Sim, senhora. Espero que não tenha se machucado no acidente.

— Não. — Ela lhe deu um sorriso charmoso. — Mas nós precisamos de uma carona, se o senhor não se importar.

— Fico feliz em ajudar. Tem espaço na parte de trás. — O fazendeiro apontou um dedo sujo por cima do ombro, indicando a traseira da carroça.

Georgina lhe agradeceu e deu a volta na carroça. Ela hesitou ao ver a altura das tábuas. Elas alcançavam sua clavícula.

O Sr. Pye parou ao seu lado.

— Com sua permissão. — Ele mal esperou que ela concordasse antes de segurá-la pela cintura e erguê-la.

— Obrigada — disse Georgina sem fôlego.

Ela observou enquanto ele apoiava as palmas da mão na beirada e pulava para dentro da carroça com a facilidade de um gato. O veículo andou para a frente com um solavanco tão logo o Sr. Pye terminou de afastar as tábuas, e ele foi lançado em direção à lateral.

— O senhor está bem? — Ela esticou uma das mãos.

O Sr. Pye desprezou o gesto e se sentou.

— Muito bem. — Ele a encarou. — Milady.

O administrador não disse mais nada. Georgina se recostou e ficou observando a paisagem. Campos verdes acinzentados com muros de pedra baixos emergiam e, em seguida, voltavam a se esconder por causa da névoa sinistra. Após a última noite, ela deveria ficar grata pela carona, por mais sacolejante que pudesse ser. Mas alguma coisa na hostilidade do fazendeiro em relação ao Sr. Pye a incomodava. Aquilo parecia pessoal.

Eles chegaram a um cume, e Georgina observou, como quem não quer nada, um rebanho de ovelhas numa encosta próxima. Elas estavam paradas como se fossem pequenas estátuas, talvez congeladas pela névoa. Somente suas cabeças se moviam enquanto comiam o tojo. Algumas estavam deitadas. Ela franziu a testa. As que se encontravam no chão estavam completamente

paradas. Ela se inclinou para a frente para ver melhor e ouviu Harry Pye xingar baixinho ao seu lado.

A carroça parou com uma sacudida.

— Qual é o problema com aquelas ovelhas? — perguntou Georgina ao Sr. Pye.

Mas foi o fazendeiro quem respondeu, com a voz sinistra:

— Estão mortas.

Capítulo Dois

— George! — Lady Violet Maitland saiu correndo pelas imensas portas de carvalho da Mansão Woldsly, ignorando o resmungo de reprovação de sua acompanhante, a Srta. Euphemia Hope.

A garota mal tinha conseguido se controlar para não revirar os olhos. Euphie era um encanto, uma mulher baixinha e redonda, com cabelo grisalho e olhos meigos, mas praticamente todos os atos de Violet a faziam resmungar.

— Por onde você andou? Nós a esperávamos há dias e... — Ela parou no pátio de seixos e encarou o homem que ajudava sua irmã a saltar da estranha carroça.

O Sr. Pye ergueu o olhar quando ela se aproximou e acenou com a cabeça. Seu rosto, como sempre, era uma máscara sem qualquer expressão. O que ele estava fazendo ali, viajando com Georgina?

Violet estreitou os olhos ao encará-lo.

— Olá, Euphie — cumprimentou Georgina.

— Ah, milady, estamos tão contentes com a sua chegada — arfou a acompanhante. — O tempo *não* tem sido dos melhores, e ficamos bastante *apreensivas* quanto à sua segurança.

Georgina sorriu em resposta e deu um abraço em Violet.

— Olá, querida.

O cabelo cor de marmelada da irmã, vários tons mais claros do que as madeixas exuberantemente flamejantes de Violet, tinha cheiro de jasmim e chá, os aromas mais reconfortantes do mundo. Violet sentiu seus olhos se encherem de lágrimas.

— Sinto muito que vocês tenham ficado preocupadas, mas creio que não esteja tão atrasada assim. — Georgina beijou a bochecha da irmã e deu um passo para trás a fim de olhá-la melhor.

Violet se virou apressadamente para inspecionar a carruagem, um veículo em precárias condições que em nada se parecia com o de Georgina.

— Por que você estava viajando dentro daquilo?

— Bem, tem toda uma história por trás disso. — Georgina tirou o capuz. O penteado estava inacreditavelmente horroroso, até mesmo para ela, que não se importava muito com isso. — Vou lhe contar durante o chá. Estou faminta. Nós só comemos uns pãezinhos na estalagem onde conseguimos a carruagem. — Ela olhou para o administrador e perguntou um tanto tímida: — Gostaria de se juntar a nós, Sr. Pye?

Violet prendeu a respiração. *Diga que não. Diga que não. Diga que não.*

— Não. Obrigado, milady. — O Sr. Pye fez uma reverência, inclinando-se de modo sério. — Se a senhora me der licença, tenho que resolver algumas questões relativas à propriedade.

Violet soltou o ar num suspiro de alívio.

Para seu horror, Georgina insistiu:

— Mas será que isso não pode esperar mais meia hora ou algo assim? — Ela abriu aquele sorriso encantador, de um canto a outro da boca.

Violet encarou a irmã. No que ela estava pensando?

— Receio que não — retrucou o Sr. Pye.

— Ah, muito bem. Afinal de contas, suponho que seja para isso que eu lhe pago. — Georgina pareceu arrogante, mas pelo menos o Sr. Pye não se juntaria a elas para o chá.

— Sinto muito, milady. — Ele fez uma nova mesura, desta vez seu corpo estava um pouco mais rígido, e se afastou.

Violet quase sentiu pena dele — quase. Ela enganchou o braço no da irmã quando deram meia-volta e seguiram na direção de Woldsly. A mansão tinha centenas de anos e se misturava à paisagem como se tivesse nascido naquele lugar, como se fosse um elemento natural das montanhas ao redor. Hera verde subia pelos quatro andares da fachada de tijolos vermelhos. As videiras eram podadas ao redor das janelas altas, com pinázios. Inúmeras chaminés subiam até o telhado de duas águas, como se fossem alpinistas numa montanha. Era uma casa receptiva, perfeitamente adequada à personalidade da irmã.

— A cozinheira preparou tortas de limão hoje cedo — comentou Violet enquanto as três subiam os amplos degraus da entrada. —

Desde então, Euphie está ansiando por elas.

— Ah, não, milady — exclamou a acompanhante atrás delas. — Não estou mesmo. Pelo menos, não pelas tortas de limão. Mas quando se trata de tortas de *frutas cristalizadas*, admito ter certa preferência, que temo não ser muito *requintada*.

— Você é o epítome do requinte, Euphie. Todas nós ansiamos por seguir o seu exemplo — elogiou Georgina.

A mulher mais velha se empertigou feito uma galinha garnisé cinza.

Violet sentiu uma pontada de culpa por ficar sempre tão irritada com aquela doce senhora. Ela fez a solene promessa de tentar ser mais gentil com a acompanhante no futuro.

As três cruzaram as imensas portas duplas de carvalho, e Georgina acenou com a cabeça para Greaves, o mordomo. A luz entrava pela janela em forma de crescente acima das portas, iluminando as paredes cor de café com leite e o antigo assoalho de parquet da entrada.

— Você arrumou alguma coisa com a qual se divertir em Woldsly? — perguntou Georgina enquanto seguiam pelo corredor. — Confesso que fiquei surpresa quando você falou que queria vir para cá apenas com Euphie. Isso aqui é um fim de mundo para uma garota de 15 anos. Embora, claro, você seja sempre bem-vinda.

— Andei desenhando — explicou Violet, mantendo a voz cuidadosamente tranquila. — As paisagens daqui são bem diferentes das de Leicestershire. E mamãe estava ficando bem chata. Ela cismou que tem um novo tumor na perna direita e trouxe um charlatão da Bélgica, que está lhe medicando com alguma coisa horrível que cheira a repolho cozido. — Violet trocou um olhar com Georgina. — Você sabe como ela é.

— Sim, eu sei. — A irmã afofou seu braço.

A garota desviou o olhar, aliviada por não ter de explicar mais nada. A mãe predizia a própria morte desde antes do nascimento da filha caçula. Em geral, a condessa ficava na cama e era assistida por uma paciente criada. De vez em quando, porém, ela ficava histérica sobre algum novo sintoma. Quando isso acontecia, ela quase enlouquecia Violet.

Elas entraram no salão matinal cor-de-rosa, e Georgina retirou as luvas.

— Bem, agora me diga... qual foi o motivo daquela carta...

— *Psiu!* — Violet apontou com a cabeça bruscamente na direção de Euphie, que estava ocupada instruindo a criada a trazer o chá.

Georgina ergueu as sobrancelhas, mas entendeu rapidamente, por sorte. Ela franziu os lábios e jogou as luvas em cima da mesa.

Violet falou claramente:

— Você ia nos contar por que mudou de carruagem.

— Ah, isso. — Georgina franziu o nariz. — Minha carruagem saiu da estrada na noite passada e ficou destruída. Na verdade, foi bem impressionante. E imagine só o que aconteceu? — Ela se sentou num dos canapés cor de açafão, apoiou um dos cotovelos no encosto e pousou a cabeça na palma da mão. — Os cavalos fugiram. E eu e o Sr. Pye ficamos ao deus-dará, completamente ensopados, claro. *E* no meio de sabe-se lá onde.

— Mas que diab... — Violet flagrou o olhar de censura de Euphie e mudou a exclamação. — É mesmo? E o que foi que vocês fizeram?

Várias criadas com bandejas de chá carregadas entraram neste exato momento, e Georgina ergueu uma das mãos, indicando a Violet que ela terminaria o relato depois que o chá fosse servido. Um instante depois, Euphie serviu-lhe a bebida.

— Ahhh! — Georgina deu um gole satisfeito em sua bebida. — Creio que chá é capaz de curar a mais terrível das doenças mentais, se for administrado em quantidades suficientes.

Violet se remexeu impacientemente em seu assento até a irmã entender a deixa.

— Sim... bom, felizmente o Sr. Pye sabia que havia um chalé por perto. — Georgina deu de ombros. — Então nós passamos a noite lá.

— Ah, milady! Sozinhos vocês dois, e o Sr. Pye nem é casado. — A revelação de que Georgina havia passado uma noite inteira com um homem pareceu deixar Euphie mais chocada do que o acidente com a carruagem. — Acho que não deve ter sido uma situação confortável para a senhora. Não, não foi *mesmo*. — Ela se reclinou

e abanou o rosto, fazendo com que as fitas castanho-avermelhadas em seu gorro balançassem.

Violet revirou os olhos.

— Ele é apenas um administrador das *terras*, Euphie. Não é um cavalheiro de boa família. Além disso — continuou ela de modo objetivo —, George tem 28 anos. Ela é velha demais para causar um escândalo.

— Obrigada, querida. — Georgina soou um tanto seca.

— Um escândalo! — Euphie segurou o pires do chá com mais força. — Eu sei que a senhora gosta de fazer piadinhas, Lady Violet, mas creio que não deveríamos mencionar a palavra *escândalo* com tamanha frivolidade.

— Não. Não. Claro que não — murmurou Georgina em tom tranquilizador enquanto Violet tentava se controlar para não revirar os olhos. *De novo*.

— Sinto que toda essa agitação me deixou cansada. — Euphie se pôs de pé. — A senhora vai ficar ofendida se eu tirar um cochilo, Lady Violet?

— Não, claro que não. — Violet conteve um sorriso. Todos os dias após o chá, como se fosse um relógio, Euphie dava uma desculpa para tirar uma breve soneca. A jovem ficara torcendo para que a acompanhante seguisse sua rotina hoje tal como nos dias anteriores.

A porta se fechou atrás de Euphie, e Georgina olhou para a irmã.

— Então? Sua carta foi incrivelmente teatral, querida. Creio que você usou a palavra *diabólico* duas vezes, o que parece improvável, considerando-se que me pedia para vir a Yorkshire, normalmente o lugar menos diabólico do mundo. Espero que seja importante. Eu tive que recusar cinco convites, inclusive o do baile de máscaras de outono dos Oswalds, que prometia ser recheado de escândalos este ano.

— É importante. — Violet se inclinou para a frente e murmurou: — Alguém está envenenando as ovelhas nas terras de Lorde Granville!

— É mesmo? — Georgina ergueu as sobrancelhas e deu uma mordida na torta.

Violet soltou o ar de modo exasperado.

— Sim! E a pessoa que está fazendo isso é alguém que trabalha para você. Talvez na própria Mansão Woldsly.

— Nós vimos mesmo algumas ovelhas mortas perto da estrada hoje de manhã.

— Você não está preocupada? — Violet se levantou num pulo e começou a andar de um lado para o outro na frente da irmã. — Os criados não falam de outra coisa. Os fazendeiros da região desconfiam de que podem ser bruxas, e o Lorde Granville falou que você será considerada responsável por isso se o envenenador trabalhar aqui.

— Sério? — Georgina enfiou o restante da torta na boca. — Como ele sabe que as ovelhas foram realmente envenenadas? Elas não poderiam simplesmente ter comido algo que fez mal para elas? Ou, o que é mais provável, terem morrido por causa de alguma doença?

— As ovelhas morreram de repente, todas ao mesmo tempo...

— Então foi uma doença.

— Mas restos de plantas venenosas foram encontrados perto dos corpos!

Georgina se inclinou para a frente para se servir de uma xícara de chá. Ela parecia estar achando graça.

— Mas, se ninguém sabe quem é o envenenador... e ninguém sabe, não é?

Violet balançou a cabeça.

— Então como sabem que ele trabalha em Woldsly?

— Pegadas! — Violet parou diante da irmã com as mãos nos quadris.

Georgina ergueu uma sobrancelha.

Violet se inclinou para a frente, impaciente.

— Antes de eu escrever para você, dez ovelhas foram encontradas mortas nas terras de um arrendatário dos Granvilles, logo acima do riacho que divide as propriedades. Havia pegadas enlameadas que iam dos cadáveres à margem do riacho. Pegadas que continuavam do outro lado, nas *suas* terras.

— Humm. — Georgina pegou outro pedaço de torta. — Isso não parece muito incriminador. Quer dizer, o que impede alguém que

veio das terras de Lorde Granville de ir até o riacho e voltar para fazer parecer que está vindo de Woldsly?

— *Geor-gina*. — Violet se sentou ao lado da irmã. — Ninguém na propriedade dos Granvilles tem motivo para envenenar as ovelhas. Mas uma pessoa em Woldsly tem.

— Ah? Quem? — Ela levou o pedaço de torta à boca.

— Harry Pye.

Georgina congelou com a torta ainda a caminho dos lábios. Violet sorriu, triunfante. Ela finalmente havia conseguido a atenção total da irmã.

Com cuidado, Georgina pôs a torta de volta na bandeja.

— Que motivo poderia ter o meu administrador para matar as ovelhas de Lorde Granville?

— Vingança. — Violet assentiu com a cabeça em resposta ao olhar incrédulo da irmã. — O Sr. Pye tem ressentimento por alguma coisa que Lorde Granville fez no passado.

— O quê?

Violet se deixou cair no canapé.

— Eu não sei — admitiu ela. — Ninguém quer me contar.

Georgina começou a rir.

Violet cruzou os braços.

— Mas deve ter sido alguma coisa terrível, não deve? — perguntou ela acima da risada da irmã. — Para ele voltar anos depois e tramar uma vingança diabólica?

— Ah, querida — arfou Georgina. — Os criados, ou seja lá quem estiver lhe contando essas histórias, estão brincando com você. Dá para imaginar o Sr. Pye se esgueirando por aí para dar ervas envenenadas para as ovelhas? — Ela voltou a gargalhar.

Violet remexeu no restante da torta de limão de mau humor. Realmente, o maior problema com irmãs mais velhas era que elas nunca levavam você a sério.

— SINTO MUITO por não ter estado com a senhora, milady, quando houve o acidente — arfou Tiggle atrás de Georgina, na manhã seguinte. A criada estava fechando uma interminável fileira de colchetes no vestido safira que a patroa havia escolhido usar.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Trilogia dos Príncipes 2 - O príncipe..."
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).